

O escracho de South Park na (des)construção e justificação de uma visão clichê

Mateus Pranzetti Paul Gruda¹

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

A linguagem humana, para além de mero instrumento de comunicação ou suporte de pensamento, pode ser compreendida enquanto discurso onde se produzem e emergem significados. Em nosso trabalho, o discurso é entendido como passível de criar realidade, relações sociais e sujeitos.

A metodologia que utilizamos, para caracterizar e conceituar discurso, é a Análise do Discurso de linha francesa (Brandão, 1995; Orlandi, 1999), a qual é realizada ao nos debruçarmos sobre os efeitos e sentidos produzidos pelos artifícios da linguagem usados na construção do texto (material tomado para análise) e pelas suas relações com a exterioridade que o “emoldura”, ou seja, o contexto no qual está inserido e que é também tomado como produtor de sentido.

O discurso com o qual desenvolvemos nossa análise é o humorístico. Bergson (1987) destaca que o cômico é inerente ao humano; seguindo essa proposição, julgamos que o humor (cômico) é um modo relevante, ao longo da história do homem, de subjetivação e de mediação com o outro e com o mundo.

Ao realizarmos um breve levantamento bibliográfico (Arêas, 1990; Bergson, op.cit.; Justo, 2006; Lipovetsky, 2005; Minois, 2003) acerca do discurso produzido pelo humor, é notável que, desde os tempos medievais ou até em tempos mais remotos, este detém um caráter de escracho, contestatório, ácido, corrosivo, crítico etc. podendo, inclusive, se converter em um dispositivo para reflexão sobre o mundo e a sociedade.

Já na contemporaneidade, o humor perde bastante de seu poder combativo em virtude do cinismo que o acomete, principalmente por se tornar somente lúdico e por assumir o papel de objeto consumível e/ou de mediação do consumo; nesse sentido, vejam-se exemplos como a moda, as propagandas “engraçadinhas” (Lipovetsky, op.cit.) etc. O humor ácido, sarcástico, caricatural, escatológico e grotesco dá lugar a um humorismo eufórico, divertido, *clean*, *light* e politicamente correto.

Nosso *corpus* de trabalho é o discurso do humor presente no desenho animado **South Park**, criado por Matt Stone e Trey Parker, o qual, embora, integre a indústria cultural e seja objeto consumível, revela um humor calcado justamente nas primeiras características que apontamos (grotesco, sarcástico, politicamente incorreto etc.). Por isso, encaramos o discurso humorístico “southparkiano” como forma ou tipo de discurso que pode permitir uma produção de sentido contra-hegemônica ou diferenciada dos discursos dominantes, estando em consonância com o que já apontamos como a possibilidade de reflexões ocasionadas pelo cômico, a propósito da

¹ Mestrando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

sociedade, do conhecimento, dos preconceitos, do cotidiano, enfim, de toda ou qualquer coisa.

Ressaltamos que não consideramos esses discursos contra-hegemônicos e as reflexões produzidas e ocasionadas pelo desenho animado como corretas e verdadeiras: afirmamos, na verdade, que tais vieses construídos pelos enredos de South Park possibilitam pôr em xeque a falibilidade dos diversos pontos de vista, sejam hegemônicos, sejam contra-hegemônicos.

Neste trabalho, analisamos o modo como o discurso “southparkiano” descreve e justifica o ódio que motivaria o povo japonês a massacrar orcas e golfinhos. Esta será a visão clichê principal, e nosso *corpus* a construirá e a implodirá, evidentemente, com uma série de outros pequenos clichês, além de abusar do escracho corrente nessa série animada. O episódio que nos servirá de base é o intitulado “Whale Whores” (*Malditas Baleias*, em tradução livre).

O alto índice de animais marítimos mortos, principalmente golfinhos e orcas, por navios japoneses, é bastante comentado e conhecido, de sorte que documentários produzidos para televisão e diversas notícias o apontam. Em cima disso, South Park constrói um possível ódio que os nipônicos nutririam pelas orcas e golfinhos, apresentando e explicando, através de seu modo *sui generis*, no já citado episódio.

Um ponto de partida do escracho é que os japoneses trajam roupas de samurais e empunham lanças para atacar os animais marítimos. Após muito sangue de orca e golfinho jorrando a esmo, é-nos apresentada a explicação do porquê os japoneses odeiam e pretendem eliminar todas as orcas e golfinhos do mundo. Um dos funcionários do governo japonês leva os garotos de South Park até um museu localizado na cidade de Hiroshima, em memória das vítimas da tragédia nuclear, e lhes conta que, graças a uma foto cedida pelo governo dos Estados Unidos, puderam saber exatamente quem jogara as bombas nucleares sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki: um avião pilotado por um golfinho e uma orca.

Assim, a caça predatória realizada por japoneses é concebida como ocasionada por algo absolutamente maior, transpassando o simples abastecimento às diversas indústrias que dela se beneficiam. O humor de South Park se vale do histórico de que japoneses caçam orcas e golfinhos, radicalizando na forma – os animais são furados em diversos pontos do corpo, suas vísceras são expostas e o sangue jorra –, reconstruindo-o como resposta de vingança ao suposto ato dos animais, de terem jogado as bombas nucleares sobre o território japonês, durante a 2ª Grande Guerra.

Portanto, em “Whale Whores”, Stone e Parker reestruturam um discurso já reconhecido (ligação: japoneses caçam orcas e golfinhos), dando a este um outro viés (o ódio é que engendra a caça, não as relações comerciais) e justificando-o com uma nova construção (a vingança pela destruição nuclear é o que motiva/alimenta o ódio). Ou seja, ao mesmo tempo em que constroem o clichê, o implodem com uma teoria visivelmente absurda, ainda que plausível no contexto apresentado.

O final do episódio contribui mais para tudo isso, já que os garotos de South Park entregam ao governo japonês aquela que seria a “verdadeira” foto do avião bombardeador, contudo, nesta são colocadas uma galinha e uma vaca como pilotos da aeronave. Assim, os japoneses transferem seu ódio e, conseqüentemente, sentimento de vingança para esses animais, o que é retratado, nos últimos segundos da animação, com nipônicos assassinando brutalmente galinhas e vacas, o que é seguido pelo olhar de

alguns habitantes de South Park, quando o pai de um dos meninos diz: “Bom trabalho, filho. Agora os japoneses são pessoas normais como nós.”

Neste último ponto, podemos levantar outra construção/implosão “southparkiana”. Caçar, aniquilar e massacrar galinhas e vacas é normal, aceitável, enquanto, se as mesmas ações mirarem animais tidos como “bonitinhos” e inteligentes (logo no início do episódio, os golfinhos são assim retratados, o que não destoia em nada da visão corrente que a maioria das pessoas tem, em face desses animais), constituem algo reprovável e repugnante. Ou seja, ironizam essa proteção “seletiva” a alguns animais.

Referências

- Aréas, V. (1990). *Iniciação à Comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bergson, H. (1987). *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Brandão, H. N. (1995). *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Justo, J. S. (2006). Humor, educação e pós-modernidade. In V. A. Arantes (org). *Humor e Alegria na Educação* (pp. 103-112). São Paulo: Summus.
- Minois, G. (2003). *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Lipovetsky, G. (2005). A sociedade humorística. In G. Lipovetsky. *A era do vazio*. Barueri: Manole.
- Orlandi, E. P. (1999). *Análise de discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Stone, M. & Parker, T. New York: Comedy Central. (2009). *Whale Whores*. Acessado em 17/01/2010, do <http://www.southparkstudios.com/episodes/251888/>.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*